

ECHUS DO IBATÉ

INFORMATIVO DOS EX-ALUNOS DO SEMINÁRIO DO IBATÉ - SÃO ROQUE - SP

Nº 97 - ANO XVI - JULHO/AGOSTO - 2008



Ut omnes unum sint

PADRE JOSÉ SESKEVICIUS FOI PARA O CÉU!

PADRE CIDO PEREIRA*



Nós, os meninos e jovens que estudamos no saudoso seminário de São Roque entre 1962 e 1965, temos viva na memória a figura querida do padre JOSÉ SESKEVICIUS (Juozas Seskevicius), aquele lituano alto, ossudo e de voz forte que lecionava Matemática e Latim e



Padre José Seskevicius

cuidava de nós, futuros padres. Nós, seminaristas, pouco sabíamos de sua vida. Sabíamos apenas que ele era um litua-

no, fugido do regime comunista que tomou conta de sua pátria, mas que não conseguiu apagar a fé católica do seu povo. Hoje sabemos que ele nasceu em 18.11.1921, na cidade de Vilkaviski-Lituânia, onde foi batizado e crismado. Sabemos que foi ordenado padre em Roma, em 12.07.1953, e veio para o Brasil, tendo sido incardinado em nossa Arquidiocese em 1954.

Tinha uma vasta cultura, isso tinha. Fez o primeiro grau na sua pátria, o 2º grau na Alemanha e filosofia e teologia na Universidade Gregoriana em Roma.

Eu, pessoalmente, sabia do compromisso profundo e do amor incrível que padre José devotava aos seus compatriotas lituanos. Estes jamais esquecerão o que ele fez no sentido de preservar-lhes a fé, a cultura, a comunhão e a solidariedade mútua.

Padre José foi vigário-cooperador da Paróquia de São José de Vila Zelina, foi, como já disse, professor do Seminário de São Roque, foi pároco da Paróquia de Cipó, em Embu Guaçu, Diretor da Casa de Formação de M'boi Mirim, Presidente da Comunidade Lituana Católica Romana e pároco da Igreja de São José da Vila Zelina.

Já cansado de muitas lutas, foi residir na Casa São Paulo de onde partiu, em 4 de julho de 2008, para o grande e amoroso abraço do Pai na eternidade. Mas me deixem voltar aos tempos de São Roque. Eram os anos da tal Aliança para o Progresso e chegavam dos Estados Unidos trigo, queijo e outras vitaminas para os pobres do Brasil. Padre José, no recreio das dez horas, nos colocava em fila e nos dava uma



“A Padra” Na época do Ibaté

espécie de vitamina feita à base de soja, com gosto de leite de mamão verde.

Nós nos divertíamos muito com o padre José pelo carinho escondido atrás de sua voz de comando e de seus gritos.

Ele gostava também de manejar uma enxada na horta, nos jardins e no pomar do seminário, com um roupão azul por cima da batina cinza.

Padre José Seskevicius! Grande figura humana. Grande homem de Deus! É mais um daqueles que integraram e enriqueceram o clero de São Paulo. O Pai do céu decidiu que era hora dele cuidar dos seus conterrâneos, e de nós todos, como intercessor lá no céu. Juntamente com o monsenhor Pio Ragazinskas, o padre Antônio, que carinhosamente era chamado “Doctor” e tantos outros.

Descanse em paz, padre José! E que sua voz tonitruante ecoe aí no céu intercedendo por todos nós, por todos aqueles que o senhor com um jeito todo especial amou na Lituânia, na Alemanha e no Brasil.

() Pe. Antonio Aparecido Pereira - (59/64) - Pároco na Casa Verde, Paróquia N.S. das Dores, Diretor do Jornal “O SÃO PAULO”, Apresentador dos programas “Bom Dia Povo de Deus” e “Construindo Cidadania” na Rádio 9 de Julho padrecido@uol.com.br*

AVISO IMPORTANTE

Informamos que, a partir do mês de julho de 2008, cancelamos nossa Conta Corrente no BANCO DO BRASIL. Desta maneira qualquer contribuição deverá ser direcionada ao BRADESCO, Agência 95-7, C/C 226990-2 em nome de Carlos Domingues Cosso e/ou. Agradecemos, antecipadamente, a colaboração de todos.

Desde Pequeninho - 1

PAULO FRANCISCO TOSCHI *



José Carlos Bauer foi um grande jogador de futebol. Formou o meio de campo do São Paulo Futebol Clube, junto com Ruy e Noronha. Eu diria que foi ele quem me crismou como são paulino. Sim, coube ao Bauer sacramentar definitivamente minha condição de devoto do santo soldado romano. É engraçado que os corintianos chamam São Jorge de "Santo Guerreiro" mas todos esquecem que São Paulo também sabia desembainhar a espada e enfrentar os seus inimigos.

Mas vamos à interferência do Bauer no meu destino futebolístico. Esse grande jogador morava na Rua Frei Caneca, na Vila Scavone, a poucos metros de minha casa, na Rua Peixoto Gomide. Sua mãe era da raça negra e seu pai de origem suíça, o que deu ao Bauer uma constituição muito interessante, com seu cabelo encaracolado e meio avermelhado, sendo um mulato de olhos claros.

As garotas do bairro ficavam extremamente agitadas, quando o Bauer permanecia na porta do barbeiro Antoninho, perto da Rua Augusta, batendo papo com a rapaziada do bairro, a alguns metros de minha casa. Eu era menino e ficava brincando na rua, com meus vizinhos. Meu pai conhecia o Bauer e este me chamava de Tosquinho. Para me amolar, dizia que eu era palmeirense, fato que eu negava veementemente. Bauer debochava, dizendo que um "Toschi" só podia ser palmeirense

e que ele não acreditava de forma alguma quando eu reafirmava minha condição de são paulino.

Suas provocações serviram para incrementar minha vontade de ser um são paulino roxo. Agradeço a ele essa motivação.

Bauer jogou durante muitos anos. Formou com outros jogadores, como Pé de Valsa e Alfredo. Chamava-me de Tosquinho quando eu tinha uns 6 ou 7 anos, por volta de 1943, 1944.

Em 1954, 10 anos depois, Bauer ainda jogava futebol e fazia parte da seleção brasileira que foi disputar a Copa do Mundo na Suíça. Perdemos feio para a Hungria, cujos jogadores caçoavam da nossa seleção, porque os nossos homens, antes de cada jogo, se reuniam em volta de um altar armado na concentração, onde havia uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, pedindo a bênção da Padroeira do Brasil para o nosso time. Os húngaros, maldosamente, diziam que os brasileiros, em vez de treinar, ficavam rezando para a "pretinha". Essa imagem havia sido trazida de Aparecida do Norte, sendo uma réplica perfeita daquela que se encontra na Basílica. O padre responsável pela Basílica benzeu-a em cerimônia especial, diante da imagem que é venerada naquele templo.

Fui eu quem foi buscar essa imagem em Aparecida do Norte. Dada a amizade do Bauer com o meu pai, que era

dirigente da Federação das Congregações Marianas, sendo muito conhecido dos Redentoristas de Aparecida, a empresa onde meu pai trabalhava patrocinou o evento e eu, que também era funcionário da Isnard, logo após ter saído do seminário, fui encarregado de ir buscar a imagem, para ser levada à Suíça.

Fui até Aparecida do Norte de trem, programando minha volta para logo depois do almoço, às 1:30 hs. da tarde. Quando cheguei à estação da Central do Brasil, não havia ninguém esperando o trem. O Chefe da Estação perguntou o que eu estava fazendo e, quando eu disse que estava esperando o trem de 1:30 hs, sorriu e disse que tal trem passaria às 1:30 hs. da madrugada.

Com muita dificuldade, arrumei um lugar no fundo do ônibus da Cometa, no último banco, em um assento estreito, em frente ao corredor. Era um lugar desajeitado mas, como não havia outro, acabei me conformando. Mas Nossa Senhora me ajudou. Dois homens que haviam comprado os dois lugares vizinhos ao meu, um de cada lado, querendo conversar, perguntaram se eu me incomodaria de trocar de assento com um deles. Seus lugares eram bem mais confortáveis.

José Carlos Bauer que faleceu em 04.02.2007, me faz lembrar o antigo hino do São Paulo, a meu ver, mais bonito que o atual:

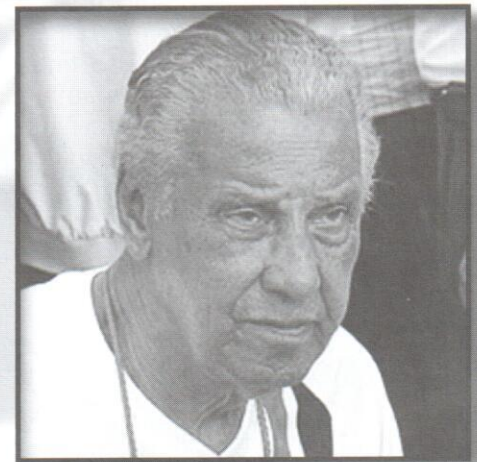


José Carlos Bauer
Antes

Salve o São Paulo,
Clube das treze listas,
Preto, branco e vermelho,
Tradição dos paulistas.

Salve o São Paulo,
Rei da brasilidade,
És um clube, um estado,
E uma grande cidade.

Salve o São Paulo, tradição,
Tu viverás em nosso coração,
Teus onze heróis,
moderno bandeirante,
Reviverão tuas glórias de
um passado deslumbrante.



José Carlos Bauer
Depois

(*) Paulo Francisco Toschi (49/53) É advogado, autor do Livro "Palavra de Seminarista" paulo.toschi@uol.com.br.

A coincidência e o meu Milagre

OTTO MARQUES DA SILVA *



Você acredita em milagres? Acredita em Deus? Responda sim ou não. Mas seja bem sincero aí no seu íntimo e que ninguém nos ouça: Acredita mesmo? Acredita sem dúvida alguma?

Pois bem, devo confessar que eu estava começando a ficar angustiado com minhas dúvidas, apesar de meus seis anos no Seminário de Pirapora!... Eu não questionava muito, não comentava com ninguém, mais ou menos como esse negócio de disco voador. Acreditava e não acreditava. Só que as dúvidas vinham cada vez com mais frequência e mais força. Será que Deus existe mesmo, ou tudo isso não passa de um grande engodo? Afinal, será que a gente está sozinho nessa "mina escura"? E fui ficando acabrunhado. Cada vez mais.

Até que um dia...

Minha esposa, meus filhos e eu estávamos indo de São Paulo para Bauru, no primeiro trecho da viagem para Brasília, onde residíamos há cinco anos. Nosso carro era um Impala que eu trouxera, após meus anos de trabalho na ONU, em New York. Estávamos todos contentes, porque iríamos ficar uns dias na casa dos avós das crianças.

Como hoje, naqueles anos, a estrada de duas pistas da Castelo Branco reduzia-se a uma só logo antes de um viaduto meio em curva para a direita, na serra de Botucatu.

Pois bem, exatamente naquele ponto acendeu a luzinha vermelha do óleo do carro. Imediatamente levei o veículo para o acostamento da direita.

Abri o capô do carro e puxei a vareta do óleo. Nem sinal de óleo.

E nós lá, no meio do nada, sem nenhum posto, nem atrás nem pela frente. E a estrada estava muito deserta.

A água do radiador, claro, fervendo como podia ferver. Sem dizer nada para ninguém, fui ao porta-malas para pegar uma lata e com ela pegar água num córrego lá embaixo. Mas o porta-malas me mostrou um volume imenso de malas, cobertas e roupas que me desencorajou. A lata estava bem abaixo. Haveria alguma lata por ali?

Olhei pelo acostamento e a menos de 50 metros havia uma lata. Caminhei até ela esperançoso, mas acabei levando um susto: era uma lata de óleo limpinha, fechada e da marca Faixa Dourada!... Nem acreditei, mas levei a preciosidade para o carro e fiz com que todos tocassem a lata que nos salvaria daquela situação.

Acionei o motor e do outro lado da ponte encontrei água e... seguimos em frente, até um posto de serviço onde reabastecemos o carro, sem maiores dificuldades.

Para mim, a "ficha" só caiu quando contei a história para a família, lá em Bauru. Todo o mundo ficou espantado e a palavra "coincidência" não cabia muito bem ali, porque era por demais raro: um carro precisando urgentemente de óleo e o motorista encontra uma lata do melhor óleo ali mesmo, a 50 metros... fechada, limpa... Nem amassada estava.

Juro que o abalo foi violento e eu, que havia lido tantos relatos de milagres com vozes ecoantes, luzes muito fortes e nuvens etéreas, via-me diante da lembrança de uma simples lata de óleo (que eu, na hora da euforia, havia atira-

do morro abaixo após colocar o líquido precioso no motor)!...

Aos poucos, a mim pareceu que Deus se fizera presente ali para me dizer: "Olha aqui, seu tolinho! Eu existo, sim. Prepare-se e apóie-se em Mim... porque as coisas vão mudar em sua vida"...

E mudaram. Ah, se mudaram! Muitos, muitos problemas. Muito, muito sofrimento. Muito, muito abatimento... mas a lata de óleo sempre vinha à minha lembrança e me dava reconforto e força para continuar ("Eu existo, sim...")

Tempos depois, ao contar essa história com o testemunho de minha esposa e filhos, um amigo muito sensato e criativo comentou:

... "De fato, Otto, pode ter sido uma coincidência... Acho que corresponde a um homem perdido no deserto, morrendo de sede, num sol muito forte, arrastando-se pelas dunas, que, ao chegar ao alto de uma delas, vê lá embaixo uma caixa de isopor na sombra. Ele abre sofregamente o isopor e encontra uma garrafa de Coca-Cola g e l a d a! Claro que pode ser uma coincidência!"

(* Otto Marques da Silva - Ex-Seminarista do Seminário Menor Metropolitano de Pirapora 1943-1948. É criador e coordenador geral do Centro de Referências FASTER (www.crfaster.com.br). Foi funcionário técnico da ONU (Bureau de Assuntos Sociais). Foi Vice-Presidente da Rehabilitation International para a América Latina. Autor dos livros: "A Epopéia Ignorada", "Uma Questão de Competência", "A Integração das Pessoas com Deficiência no Trabalho" e "O Ninho das Águias". omdasilva@uol.com.br

MENSAGENS RECEBIDAS

De Letterio Santoro (1954/58) - Prezado Mosca, paz e bem para você e sua família. Envio-lhe este texto, extraído de meu Diário, e escrito em 20.04.1974, em seguida a uma visita que fiz ao velho Seminário do Ibaté. O mais interessante desta crônica, a meu ver, não é a saudade da Casa antiga (fisicamente a mesma de quando nela vivi), mas a frustração de ver, quinze anos depois da partida, como os costumes haviam mudado em relação aos de nosso tempo. Foi chocante para mim. E tirei uma analogia da página: mal comparando, sinto-me hoje neste mundo de constantes mudanças, mais ou

menos como então me senti ao rever o Seminário por dentro. Para não viver frustrado viajo para o mundo da literatura, organizando minha obra de poesia e prosa, e publicando meus livros para que alguém me leia. Abraços. Garça-sp 25.05.2008 letterios@hotmail.com

De Otto Marques da Silva (Pirapora 1943/48) - Amigos do ECHUS, estou por uns dois meses em Houston-Texas, em tratamento, mas havia trazido comigo o exemplar de março/abril do ECHUS DO IBATÉ, porque havia decidido escrever sobre um "milagre" que aconteceu comigo e

minha família - milagre de verdade. Espero que haja espaço num dos próximos números desse interessante informativo, se o material for considerado relevante, claro. Um grande abraço a todos. Cotia-sp 20.05.2008 omdasilva@uol.com.br

De Paulo Francisco Toschi (49/53) - Alguém já parou para pensar como é bom conviver com a Turma do Ibaté? Os encontros em São Roque, os jantares nas primeiras sextas-feiras, o Echus do Ibaté, a celebração de aniversários de amigos, quantos momentos bons nós vivemos. Não só lembrando o nosso passado, a

nossa adolescência, a nossa juventude, mas, vivendo o presente, muitos de nós já no outono de nossa jornada, tendo um colega dos bons tempos ao nosso lado, para conversar, trocar idéias, reviver os melhores momentos de nossas vidas. Contar a nossa experiência nas décadas que se seguiram à estada no Ibaté. Ouvir a experiência dos amigos. Conhecer os seus familiares. Conviver alegremente a amizade, sem nenhuma exploração de interesses, apenas repartindo os melhores sentimentos. Nosso grupo vive uma experiência que poucas outras pessoas possuem. Basta lembrar que passamos por escolas, faculdades, empregos, associações, clubes, e nunca conseguimos manter com tanta assiduidade e com tanta generosidade uma convivência com essas outras pessoas que passaram por nossas vidas e se foram. Pertencer à Turma do Ibaté é uma benção. Pois bem, isto seria assim, do jeito que é hoje, 2008, 2007, 2006....., se não existisse uma pessoa muito especial, trabalhando sem alarde, intensamente, generosamente, nos dando este grande presente? Você teria condições de reunir e manter unido um grupo tão grande, com tanta proximidade, por tantos anos? Você teria qualidades para conseguir esse feito? Eu não teria. Mas, existe uma pessoa que tem esse poder, esse dom, essa graça: um grande amigo nosso, que hoje aniversaria. Vamos todos, no dia de hoje, naquele momento de concentração, de oração, lembrarmos desse nosso amigo e dedicar a ele não só o nosso pensamento como uma súplica ao Todo Poderoso para que recompense esse missionário da confraternização. Parabéns, Wilson Mosca, por ser quem você é. Continue assim, por muitos e muitos anos. Que o seu trabalho por nós lhe propicie muita alegria, muita satisfação. Nós te amamos, querido companheiro!!! São Paulo, 02 de junho de 2008 paulo.toschi@uol.com.br

De Mons.Expedito Marcondes (Professor) - Meus caros amigos da "Turma do Ibaté", ex-alunos do Seminário de São Roque. Ainda conservo dentro de meu coração o nosso saudoso e magnífico dia 6 de junho, quando tivemos a alegria de mais um encontro mensal para rever tantos amigos, entreter alguns momentos de fraternidade e recordar os bons tempos de Seminário. Reunimo-nos de novo para também podermos saudar os aniversariantes do mês, entre os quais me senti honrado ao receber tantas homenagens e atenções. Deus recompense a todos por essas delicadezas que provam a amizade de sempre! Não quero citar nomes, mas não posso deixar de demonstrar minha gratidão a todos que organizaram esse encontro festivo e gostoso, que nos proporcionou

a vivência de alguns momentos de saudade, de amizade e de diálogo fraterno, com tantos cânticos de nossos bons tempos de Seminário e sem faltar o tradicional "bolo" dos aniversariantes, confeccionado com tanta arte por um de nossos ex-alunos. Muito obrigado a todos que participaram na reunião mensal! Como Deus é bom! Demos graças a Deus! Continuemos a acreditar na força que nos une sempre: a recordação dos velhos tempos, a gratidão aos que nos ajudaram a crescer na fé e na formação intelectual, o desejo de continuarmos a viver a amizade profunda que soubemos construir juntos. Saibamos ser fiéis aos dons que Deus nos concede e, para tanto, peçamos a ajuda de Nossa Senhora que, ainda daquele mesmo lugar sagrado de nossa saudosa Capela, continua a velar por todos nós, pelos nossos esforços e conquistas em favor da construção de um mundo melhor. A todos envio um fraterno abraço. Fiquem com Deus! Roma, 29 de junho de 2008 antonioexpedito@tiscali.it

De Mons.Getúlio Vieira (58/61) - Olá amigo Wilson Mosca. Agora já vou poder me comunicar regularmente. Ajeitei meu e-mail para a Virtua. Tenho recebido seus e-mail e o convite para as primeiras sextas feiras. O desejo é ir, mas é primeira sexta, a do SCJ, e com a Missa às 20 hs fica impossível. Fiquei com pena de não poder estar com Mons. Expedito. Foi meu reitor na Filosofia em Aparecida. Fazer o que? Outra coisa: Sei que está longe mas o tempo voa: No dia 15 de dezembro completo 40 anos de ordenação e quero convidá-los a cantar na Missa. Como dia 15 é segunda a celebração será no dia 14, domingo. Espero que o Coral do Ibaté possa vir. Que tal. Bom churrasco sexta feira, deixe meu abraço a todos e parabéns pelo último Echus. Aliás gosto de todos e devoro-os no mesmo dia da chegada. Um abraço ao Nelcindo. E CIAO. São Paulo, 30 de junho de 2008 mongevi@terra.com.br

De Luiz Antonio Rosati (1959) - Estive no Seminário do Ibaté em 1959. A mim não foi dada a glória de ser padre. Casei, tive filhos e continuo a luta quotidiana de querer sentir-me pleno da Graça de Deus e ao fim de cada dia continuar indigno de tal. Entretanto, não pude deixar de sensibilizar-me com o artigo "O Celibato" do nosso colega Paulo Francisco Toschi. Concordo com todas as asserções ali contidas, até já existe na Igreja uma "hierarquia com ou sem ordenações" que poderia ser oficializada. Ministros, Diáconos, Acólitos, Catequistas, líderes dos diversos ministérios, etc., etc..... Todos são bem vindos à Obra de Deus. Mas, para mim, o PADRE DE VERDADE é este aí do Evangelho

de São Lucas, capítulo 20, versículos 34 e 35, "que foram havidos por dignos de alcançar o mundo vindouro, que optaram por amor à obra de Deus por não se casar e que portanto já não podem mais morrer, pois são iguais aos anjos, e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição". O "meu Padre" e os padres aí do artigo parecem não ser os mesmos. Ajudem-me colegas! São Paulo, 30 de junho de 2008 rosatilui@hotmail.com

De Luiz Antonio Rosati (1959) - Tenho tido o trabalho de escanear o Jornal ECHUS DO IBATÉ para guardá-lo em mídia digital. No meu caso particular, eu prefiro receber o Jornal anexado em um e-mail, compactado, por exemplo, em pdf ou pub. Fica aqui até como sugestão: enviar o Jornal por e-mail solicitando a confirmação do recebimento. Sai mais barato, é mais fácil de guardar e ainda tem comprovação do recebimento. E este arquivo pdf ainda pode facilmente ser disponibilizado para download no site do Seminário, não necessitando ser integrado em linguagem de internet, mas somente ser disponibilizado para download". São Paulo, 18 de julho de 2008 rosatilui@hotmail.com

ANIVERSARIANTES

Há tempos temos como norma enviar aos colegas do Ibaté que possuem emails, nas datas de seus aniversários, congratulações pela efeméride. Temos batalhado para interagir com todos os ex-alunos, provocando-os para que se manifestem. Estas mensagens de parabéns são uma das maneiras.

Vários colegas ibateanos têm-nos respondido às mensagens. Eis algumas delas:

"Olá caro Wilson, do fundo "del mio cuore" agradeço os cumprimentos e que Deus continue nos abençoando e que vc e tchurma me cumprimente por mais 34 vezes, sucessivas e eu entenda tudo tb, pra poder chegar ao 100, lúcido... De coração agradeço e espero participar no jantar do próximo dia 06. Bye, bye. - **Celso Guidugli (1958/59) celsiug@uol.com.br**

"Caros amigos do Ibaté. Não sou muito de escrever pois minha conexão é como o governo, lenta, lenta nas respostas. Agradeço a lembrança do meu aniversário e aproveito para enviar cópia de um santinho que achei em meu baú de recordações. É uma lembrança daqueles que estavam saindo em 59. Abraços a todos" - **Ettore Antonio Maggiotto (1959) oretoma@ibest.com.br**

"Muito obrigado por lembrar de meu aniversário. É importante pra mim receber mensagens quando você esta loge de seus amigos". - **Pedro Steck (59/60)Ontario-Canadá - preta@isys.ca**

"Caro amigo Wilson Mosca, muito obrigado a você e a todos os amigos ibateanos por lembrar-se do meu aniversário e pelos parabéns desejados. Por aqui tudo bem, só que está chovendo muito. Desculpe por não ter respondido antes. Quero informar também que sempre tenho recebido o boletim de vocês e como sempre tem oferecido um excelente meio de comunicação a toda a comunidade e grande família ibateana. Meus parabéns pelo ótimo trabalho que todos vocês da diretoria estão fazendo. Sei que exige grande esforço, dedicação e vontade. Multas gratias ago! Congratulations for the excellent job!".

- **José Antonio Neto (59/64) Natal-RN - jneto50@hotmail.com**

"OBRIGADO, AMIGOS. Nesta fase da nossa vida, as amizades sinceras são as coisas mais importantes que nos restam e nos confortam. Abraços". - **Mauro Reinaldo Pereira (53/58) Mongaguá-SP - mauroreinaldo@ig.com.br**

"Mosca e queridos amigos do Ibaté, obrigado pela lembrança. Vocês estão sempre em meus pensamentos e nas minhas orações. Grato por tudo, em especial pela amizade e carinho que vos prezo tanto". - **Silvino Miranda Melo (59/61) Mogi das Cruzes-SP - silvinomelo@uol.com.br**

"Caro amigo Mosca, recém-chegado de Salto onde estive hoje sinto-me como se estivesse completando 18 anos. Seriam as águas do Tietê salten-se que nos deixam tão jovens? Um grande abraço e grato pela lembrança". - **Domingos Sávio Amstalden (54/69) Indaiatuba-SP - savioamstalden@terra.com.br**

"Meu caro amigo Mosca. Vocês querem matar o "véio" do coração, pois no mesmo dia de hoje recebi o Echus do Ibaté e agora esse cumprimento. Muito obrigado a todos vocês, que possibilitam a todos nós reviver os melhores anos de nossas vidas. Um forte abraço a todos os amigos e minha oração especial ao Iô, que se vivo fosse, estaria aniversariando também hoje". - **Luiz de Gonzaga Giannini (50/56) São Paulo-SP luizgiannini@ig.com.br**

"Muito grato pelos votos em nome dos amigos do Ibaté. Parabéns pelo trabalho realizado pela união dos antigos aluno de São Roque. Abraços". Mons. **Sérgio Conrado (58/63) São Paulo-SP conradosergio@terra.com.br**

"A todos os ibateanos meu muito obrigado. Fui seminarista em 1950/1951 e até hoje fico sensibilizado ao receber o Echus. Ele me reporta a um passado que me deixou doces recordações. Assim que seja possível irei a São Paulo num dia de reunião apesar de poucos serem os que restam da minha época. Que Deus nos abençoe". - **Paulo Correia Rosa (50/51) Curitiba-PR rosagraf@terra.com.br**

"Muito obrigado pela lembrança. Só discordo da "memorável"!!! Acho que não tanto!!! Abraços". - **Pedro Aníbal Drago (60/63) São Paulo-SP pedro-drago@fgvsp.br**

"Caro Wilson. Agradeço-lhe a mensagem. Parabéns pelo trabalho com os colegas de seminário. Estou com uma dívida imensa com vocês. Um grande abraço e que o Senhor abençoe a todos". **Dom Fernando José Penteado (49/53) Jacarezinho-PR dfernandojac@uol.com.br**

"Aos amigos do Seminário do Ibaté e, de modo especial ao Wilson Mosca, os meus mais sinceros agradecimentos pelos parabéns, neste meu aniversário. Que Deus e Nossa Senhora estejam sempre no coração de todos vocês. Abraços". **Roberto Mecelis (59/60) Rio de Janeiro-RJ rmecelis@zipmail.com.br**

"Grato. Comemoro um dia de vida. O ontem não é mais; o amanhã não me pertence. Sou um bebê de um dia de vida. Bom, não é? Abraços a tutti quanti". **Dionísio Leite da Costa (50/56) Taubate-SP dionisio.lc@uol.com.br**

"Caro Mosca. Agradeço muito a lembrança. Nem mereço essa deferência, pois não tenho aceito nem os convites para o encontro mensal. Mas hoje mesmo pensei que devo aparecer a qualquer momento. Um abraço a todos. Ah! A propósito, ouvi essa, neste mês de aniversários da minha família: **Pior do que envelhecer, é não envelhecer!**" **Roberto Delgado de Carvalho (57/59) São Paulo-SP delcarv@uol.com.br.**

"Olá Wilson e amigos do Ibaté, quem deve se desculpar por atraso sou eu que até hoje ainda não me encontrei com vocês. Parabéns por seu trabalho de reunir os amigos. Parabéns aos amigos que cultivam essa amorosa e eterna amizade. Um dia desses irei me presentear com essa benção. Abraços a todos" - **José dos Santos (61/62)josandelsp@terra.com.br**

"Meu caro Wilson, recebi sua mensagem felicitando-me pelo meu natalício. Agradeço sensibilizado esta manifestação de consideração e apreço e peço-lhe estender meus agradecimentos a todos os amigos e companheiros do Ibaté. Por aqui, fico à sua inteira disposição. Aceite meu cordial abraço". **Alberto Pimenta de Oliveira-Pipinudo (53/58) Presidente Wenceslau-SP pimentaseniornprof@hotmail.com**

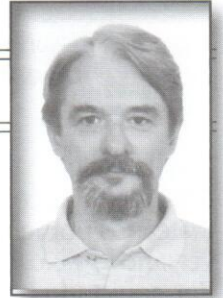
"Prezado e grande Wilson, Paz e Bem! Obrigado pela sua mensagem de aniversário. Que Deus nos dê muita saúde e paz para compartilharmos desta amizade franciscana-ibateana e sempre ilumine o nosso caminho para podermos estar sempre presentes e unidos na nossa alegria de "ex". Um grande abraço". **Altair de Almeida Costa-Tachinha (ex-seminarista seráfico de Santos Dumont-MG) Belo Horizonte-MG enfrades@yahoo.com.br**

"Mosca e amigos do Ibaté. Agradeço os cumprimentos pelo meu aniversário. De fato, o Ibaté marcou a todos nós, razão pela qual nos sentimos irmanados até hoje. Minha esposa, Lurdinha, sempre disse que gostava de nossas reuniões no Seminário, pois todos nós voltávamos a ser "crianças". De fato, há muita emoção e espontaneidade nos nossos encontros. Vale o fato de ter estado em São Roque, não importa quanto tempo, se um ou seis anos, se fomos contemporâneos ou se nem ao menos nos cruzamos. Dizer que estudou no Ibaté a outro ibateano sempre abriu portas, sorrisos e lembranças. Um grande abraço". **Walter Barelli (51/56) São Paulo-SP walter@barelli.ecn.br**

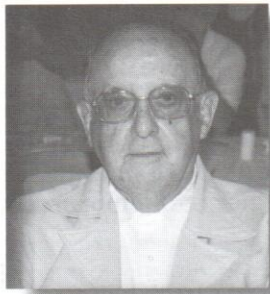
"Amigo Wilson Mosca, a gente se emociona com os parabéns. Obrigado a todos do Ibaté!
José Luiz Brant de Carvalho (51/56) São Paulo-SP jbrantdecarvalho@bol.com.br

Você sabe o que é varios amigos, meu senhor?

ANTÔNIO CORREA *



Uma das partes funcionais do ritual do Quarup, entre os indígenas do Xingu, consiste na apresentação dos meninos à sociedade, uma espécie de debut. A festa é o momento que dá fim à sua iniciação, o rito que os faz se submeterem a provações bastante difíceis, transformando-os de vez em homens adultos e úteis à comunidade. As normas que regula-



Mons. Exedito

mentam esse processo de "adultificação" ordenam que um índio adulto se dirija a uma das mães da aldeia e retire de seus braços aquele determinado curumim, pois chegara sua hora de iniciar-se como homem. O menino é então apartado de sua mãe. Esta reage com muitas lágrimas, mas sem desespero ou tentativas de impedimento, porquanto tenha consciência da importância e necessidade desse gesto para toda a comunidade; há, pois, uma verdadeira compreensão. Do mesmo modo,

o menino, mesmo possuindo por um medo legítimo e natural, aceita a situação e deixa-se levar por ela, confiante no feliz e ambicionado futuro que o aguarda. E parte, sabendo que não pode nem olhar para trás. Começa então e naquele instante o fim de sua infância e o início de sua maioridade masculina. Doravante ele não mais pertence à sua mãe; passando a ser um membro ativo e adulto da coletividade.

O ingresso no Seminário Menor de São Roque carregou muitas semelhanças com o rito dos indígenas, contudo, suas diferenças são bastante apreciáveis, pois entre nós existe a adolescência. Sabemos que a grande maioria dos meninos que lá se fartou com os seus banhos frios ou que freqüentou o Estudão entrou lá na faixa dos seus dez ou doze anos. Era o Admissão ou o primeiro ano Ginásial que iriam fazer, o primeiro passo. Púberes ou pré-adolescentes, ou apenas criancinhas, ainda cheiravam a leite e a talquinho da mamãe. Os outros -uma minoria- já eram maiorzinhos: tinham seus treze, catorze anos, vá lá, contudo, não apresentavam um índice de maturidade tão significativo aos olhos dos padres administradores. Sua mais exata distinção diante dos outros era que exibiam, supostamente, melhores performances no basquete e vôlei ou simplesmente ocupavam os últimos postos de nossas indefectíveis filas (Fondello). Quanto ao mais, em sua chegada, achavam-se quase todos nas mesmas condições: crianças. Agora todos estavam ali reunidos

gra para cumprir e muita reza para rezar. Cadê minha mãe, cadê minha irmã? Cadê o colo de minha madrinha? Talvez sempre tenha sido assim nos seminários menores do mundo.

Estamos de tal sorte arquitetados que nos é forçado cometer a adolescência, coisa que não acontece com os índios. Apesar do sofrimento, creio seja uma grande vantagem, comparando-nos aos não-leturados, pois que se aumentam as chances de nossa sociedade tornar-se mais criativa e altamente complexa. Mas isso não importa aqui, deixa para lá. O que importa é que, em tenra idade, fizemos esta passagem. São poucas as pessoas em nossa civilização que têm esta oportunidade de desgarrar-se da família tão precocemente e, porque também não dizer, numa boa, numa boa mesmo. É uma marca no currículo, uma etiqueta grudada na mala da grande viagem que nos diferencia dos demais mortais. Verdade. Esse rompimento não é natural nem tampouco anti-natural.

Os especialistas compreendem-no como sobrenatural, na medida em que sua motivação tenha tido um valor sagrado: a vocação sacerdotal. Mesmo assim, é claro que lágrimas rolaram e molharam os peitos, roerem-se muitas unhas e, salvem-se os colchões, mas tudo isso passava, e passou, pois uma outra realidade despontou para nossa alma. De fato, essa janela nunca se abriu ou demorou muito para se abrir a tantas pessoas deste

mundão. Somos uns privilegiados. Além de ter sido um lugar de grande liberdade, posto que não havia pressão para que abraçássemos de imediato a vida consagrada (simplesmente nos era apresentada a beleza e a grandeza da vida do pa-



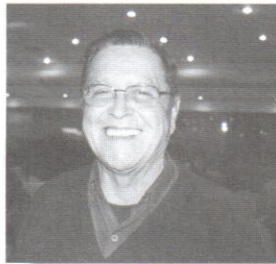
Gilberto, Mons. Exedito, Perereca e Corazza

num lugar desconhecido e misterioso, com aqueles padres todos de preto, um bando de outros pequenos, alguns marmanjos e muita re-

dre), São Roque nos ofereceu uma dedicada formação intelectual e espiritual, que dificilmente poderíamos obter em outro ambiente, naquela época e em nossas condições. Com esse amadurecimento cultivado, certamente poderíamos ou pudemos discernir, na hora adequada, a realidade de prosseguirmos ou não com a formação sacerdotal. Nada se poderia perder. Os dirigentes eclesásticos de então já trabalhavam com estatísticas e sabiam de antemão que, fiéis àquele modelo administrativo, poderiam contar com, no máximo, cinco por cento de resultados positivos nos investimentos em seminário menor. Não poderia ter sido diferente no Ibaté, e a cifra é essa mesma, ou seja, cinco por cento. Pensamos hoje que, se a administração tivesse sido terceirizada e caísse nas mãos, por exemplo, de um Cláudio José Fondello, decerto que no mínimo esse índice decuplicaria (vide Echus 089).

Afetivamente, sobrevivemos às tempestades e estamos aí, caminhando nesta vida. Uma boa parte destas tempestades foi o que era esperado de qualquer adolescência que se preze; uma outra - não se pode negar - foi a inelutável consequência do ambiente próprio de um seminário - também previsto - equivalente ao que costuma ocorrer em qualquer outra instituição do gênero, como o exército, a marinha, o clube do Bolinha, a aeronáutica ou alguma empresa de prospecção de minas, transporte de gado, os boia-deiros, lugar só de 'home', em que o índice de presença do elemento feminino tende a zero. Isso tem seus desdobramentos, às vezes, infelizes. Como era também esperado, reconhecemos que muito se fez para que os efeitos indesejáveis fossem os menores possíveis. As seqüelas, ora, as seqüelas... delas qualquer boa psicoterapia pode dar conta. O importante é que muito se fez para sobrepujá-las. Primeiramente, diferentemente dos índios, não existiu um real corte dos laços com a família; eles perseveraram com as visitas, as cartas, as férias... E também, não se incentivou qualquer espécie de vazio afetivo, pelo contrário, houve um esforço enorme para que ali no seminário se desenvolvesse um clima alegre e afetivo. Além do desenvolvimento de nossa espiritualidade (aprendemos a conversar com Deus!), havia a con-

vivência com nossos companheiros, sempre profundamente impregnada pela alegria juvenil. Uma grande família. Confiança nos superiores e uma amizade fraternal. Aprendemos a amar nossos companheiros como verdadeiros irmãos e, aos padres professores, cum grano salis, como verdadeiros pais. Eis aí o essencial que nos diferencia dos outros mortais com quem convivemos hoje. Por isso, somos especiais. Formamos um grupo diferente, de pessoas que,



D. José Maria Pinheiro

em seus ginásios ou colegiais, inauditamente, conviveram com muita proximidade e por longo tempo, estudando, jogando, brigando, chorando, rindo, comendo, dormindo, rezando e aprendendo juntos. Além disso, essa boa energia - verificamos hoje - tem o dom de atrair a matrícula de inúmeras outras pessoas ao nosso grupo, todas elas bem vindas.

Quem quer que nos observe de fora, hoje, costuma notar que existe realmente algo diferente em nós. Frequentemente não é possível dizer qual seja essa diferença, mas que ela há, há. Entre nós, existe um elo invisível e único. Estamos juntos novamente, a Turma do Ibaté. Re-encontramo-nos. Alguns são, outros foram padres, "deram certo" ou não; há inúmeras profissões e religiões entre nós. E todas as classes sociais caminham juntas, na riqueza e na pobreza, na alegria e na tristeza. O curioso é que seguimos juntos. E é exatamente isso que celebramos em todas as vezes que nos encontramos. Essa amizade. Essa fraternidade. Esse coleguismo e proximidade. Com a idade que esse povo anda, não existe melhor panacéia para a aposentadoria, para a solidão, depressão, desânimo, tristeza...

Uma vez por mês nos encontramos. Atualmente o local é o restaurante Angélica Grill... nossas farras. Piedosas farras, por causa da Lei Seca. Um de nossos últimos encontros, o do dia 06 de junho último, foi majestoso. É tido como o melhor e mais intenso dentre todos de nossa história, que começou há 15 anos

atrás. Até o José Justo saiu de sua toca em Cotia. Para ele é uma espécie de emigração. Contamos com a presença de sessenta pessoas. Bah!!! Lotamos aquele restaurante. Cantamos, proseamos, bebemos, comemos e dançamos. Compareceram pessoas muito especiais. Aliás, todas são sempre especiais. Algumas delas vinham pela primeira vez, como o João Jorge Peralta e o Juan Antônio Jurado Fernandez. Outros, bissextos, como Celso Guidugli, Horácio José de Souza, Luiz da Cunha Ferreira de Miranda, Luiz Gonzaga Cruz, Mauri Gabrielli e Sigmar Malvezzi. Muitos vieram do interior, como o Alfredo Barbieri, Walmir da Silva Gomes, o D. José Maria Pinheiro, o violonista Claudino Leonardo Pires e o Eudemar Meira. Mas houve gente que veio até do exterior. Pode?? Foi o Mons. Antônio Expedito Marcondes. Diretamente do Vaticano, este nosso leal professor e maestro daqueles velhos tempos regeu nossa cantoria e apagou as velinhas de seu aniversário na terra natal. São 81, e ele está em plena forma. Claro que os aniversariantes do mês pegamos carona nesse bolo e também fomos homenageados. Outras presenças ilustres, além de vários amigos, esposas, filhos, genros e noras, do colega de Pirapora Mons. Danilo José Ohl, o queridíssimo Walter Barelli, o Francisco Cordão, do Seminário do Ipiranga e, last but not least, a calorosa presença da Sra. Archângela Romero, mãe de nosso colega Roberto Romero. Com seus 93 anos de idade, é nosso modelo e meta. Esteve conosco neste dia memorável de nossa história, dançando e cantando conosco, selando de ventura e simpatia nossa celebração de amizade e companheirismo, que promete vingar ainda muitas décadas de existência.

E ao senhor, caro leitor, fica aqui nosso convite para que experimente um bocadinho dessa alegria, que é sua também, comparecendo sempre que puder a esses nossos encontros. São vários os seus amigos...

Restaurante Angélica Grill - o ponto de encontro da Turma do Ibaté - Av. Angélica, 430 São Paulo-SP.

(*) Antonio Carlos Correa-Careca (64/67) é Psicólogo em São Paulo-SP (11) 5575.5013 acarlos90@uol.

Uma sexta para ficar na História

JOSÉ WOLF*



Bolo, by Juan Jurado

Que sexta, meu Deus: de bruxos, alquimistas e sobreviventes! Num dia marcado por intenso nevoeiro e, a seguir, por 27º de temperatura, em São Paulo, o suspense: o encontro da "primeira sexta" de junho, no Angélica Grill, com a participação de mons. Exedito Marcondes, vindo de Roma, onde vive, atualmente. Um encontro agendado pelo nosso incansável condottiere Wilson Mosca. Que, conectado (incrível), ao nos receber, reconhece e lembra o nome de todos nós!

*

Aos poucos vão chegando os convidados, grisalhos, risonhos, felizes, dinossauros, excomungados ou não... Ao contrário do Evangelho, muitos foram chamados, mas, desta vez, extrapolou: apareceram muito mais do que se poderia imaginar. Resultado: os gentis garçons são obrigados a agregar mesas, aqui, ali e acolá, para abrigar tanta gente: ex-seminaristas do Ibaté, de Aparecida, do Ipiranga e até de Pirapora, entre os quais, o histórico cônego Danilo



Parabéns aos Aniversariantes

Oh!, que estudou com Mons.Exedito em Pirapora.

*

Apoiado numa bengala (-Bengala? Um cajado!), com altivez e elegância de um rei e com a mesma coroa capitalista característica de outros tempos, surge o grande convidado, ao lado do simpático Sigmar Malvezzi, ex-professor de Sociologia, na famosa Sorbonne, em Paris.

Ao me ver, me reconhece (não acredito), mas, de cara, dá uma bronca: "Oi, meu amigo, corte essa barba, você parece mais velho que seu mestre"! – Me desculpe, é minha identidade visual.

Na seqüência, o jantar regado a vinho, caipirinha, cerveja, água tônica ou mineral, ao lado de tantos amigos, como os bens-humorados Lui e Orzari, o afável boulanger Justo (que andava sumido), os emblemáticos Quinzinho e Beta (que está a dever ao "Echus" um texto sobre suas memórias), o Careca (que se dedica, agora, à sua tese de jornalismo), os fantásticos Barbieri, Almeida, Isidoro e Rovirso e o indomável Corazza. Mais: os guerreiros Toschi e Attilio, os confundíveis irmãos Peralta, (- quem é quem?, me pergunta alguém? – Não sei quem é José, quem é João!), os cultos Walmir (que veio lá de Alterosa-MG) e Wilson Cruz, o poderoso Fierro (que fala sobre seu escritório de advocacia FS Amaral), o militante Barelli e o amável bispo José Maria Pinheiro, que depois de viver tantas experiências geográficas e apostólicas pelo mundo, voltou à sua amada Bragança Paulista, no interior paulista. E tantos outros que não os conheço, mas que o Mosca os identifica: Antonio Paulo Carvalho, Celso Guidugli, Claudino, Eudemar Meira, Giba Gomes, Horácio, José Luiz Gomide, Juan Jurado (o confeitiro que preparou o bolo dos aniversariantes), Luiz Miranda (o Portuga), Luiz Gonzaga Cruz, Mauri Gabrielli (que nos fornece os envelopes plásticos para envio do ECHUS) e Roberto Romero, que veio acompanhado de sua mãe Archangela Romero (a quem rendemos nossas homenagens), com seus 93 anos. Destaque especial ao Francisco Cordão, coordenador

dos encontros dos ex-alunos do Seminário do Ipiranga, e que, pela primeira vez, nós deu o prazer de sua presença em nossos jantares. E mais de duas dezenas de esposas, filhos, parentes e amigos de nossos ex-alunos.

*

Meio desafinado, um coro, liderado pelo travesso Perereca, homenageia os aniversariantes do mês. A seguir, sob a batuta do próprio monsenhor Exedito, que foi, por sinal, regente do coral do Ibaté e fundador da banda "Santa Cecília", entoa o tradi-

cional Cantiamo ai Nostri Amici e o "hino oficial" Va Pensiero, levantando o astral da velha, resistente e persistente "turma do Ibaté".

*

Dessa sexta inesquecível ficou, enfim, uma lição: acima dos valores materiais e financeiros, há outros, como a ética, a decência e a amizade. Os amigos, contudo, conforme já advertiu alguém, são poucos,



Mons.Exedito Regendo Coral

por isso, precisamos cultivá-los e ajudá-los, a exemplo do que ocorreu no encontro dessa inesquecível sexta-feira, 6 de junho de 2008!

*

Registro – Sou obrigado a registrar um encontro inesperado. Ao caminhar pela praça da República, no dia 6 de julho, alguém se aproxima e se apresenta: - "oi, Wolf, sou o Hélio Rodrigues, de Salto. Fui seu aluno de Catecismo!. Reconheci você por meio de uma foto que vi no Echus". Ex-seminarista do Ibaté (ano 60), sobrevive como pintor, cujas telas, com temas telúricos, continua a expor na feira dominical da Praça da Republica.

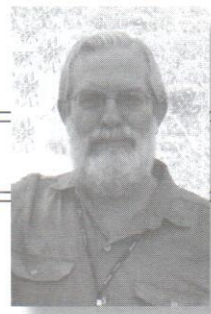


Dona Archangela
93 Anos

(* José Wolf (50/58) Jornalista profissional, trabalhou no "Jornal do Brasil", no "O Estado de S. Paulo" e na "Folha de S. Paulo" e na Editora Pini, sendo cofundador com o arq.Mário Sérgio Pini e Haifa Sabbag, da Revista AU-Arquitetura e Urbanismo. Atualmente é coeditor do boletim do IAB-Instituto de Arquitetos de São Paulo josewolf@ig.com.br

De volta à casa Antiga

LETTERIO SANTORO *



Meu coração palpitou de júbilo ao avistar, no cimo da colina, o perfil austero do colégio. Era uma construção bastante sóbria que ia se manifestando a pouco e pouco por entre os eucaliptos seculares. A mesma visão de outrora, uma visão doméstica e sempre emocionante, que convidava os olhos à contemplação. E, enquanto me achegava pela estrada empoeirada, assomava de dentro de mim a memória de outros tempos. Como se entre as névoas do passado eu fosse vislumbrando, comovido, figuras, imagens, situações que o colégio, lá em cima, despertasse em meu espírito. Caminhando a pé, voava para os idos de minha adolescência e via-me entre companheiros da mesma idade. Companheiros poetas com sonetos de furtivos amores. Companheiros atores a dramatizar reis e cavaleiros negros, metidos em vestimentas preciosas. Ah! as festas do colégio tão bem preparadas e tão bem apresentadas! Árias corais, bandas musicais, jogos participados, sessões de grêmio, prêmios literários, alvoradas inesquecíveis! E à medida que me aproximava da casa antiga, e à medida que penetrava no velho bosque familiar, embargava-me a emoção, dominava-me a lembrança. Por estas alamedas eu andava antigamente a refletir as verdades mais altas ao lado de companheiros inteligentes. Nas solidões do bosque, em dias de verão, rabiscava meus primeiros escritos de excessivo romantismo. Todos os lugares que pisava e as distantes paragens que lá de cima se me anteparavam nos dias de passeio os invadíamos como conquistadores indomáveis. E, de repente, de frente do colégio! As samambaias caíam do alpendre ensombrado. Peças de roupas baluçavam das janelas do dormitório à maneira de bandeiras inocentes. E tinha ali a nítida sensação de voltar aos tempos de colégio, quando pus os pés na portaria. Os quadros antigos ainda lá estavam e pareciam acolher-me com um sorriso bom de velhos conhecidos. Olhei

de um e de outro lado, e era tudo como os havia deixado há tantos anos. As mesmas escadinhas brancas e o mesmo corredor interminável. E ao ouvir passos estremeci. Não seriam os passos de companheiros de outrora? E eram. Eram dois companheiros que, agora, supervisionavam a casa onde comigo haviam sido alunos também: o Pe. Getúlio Vieira e o Pe. Elídio Mantovani. Depois de abraços afetuosos, aceitaram de boa vontade percorrer comigo as dependências e os recantos.

Se por fora tudo continuava na mesma, por dentro nenhuma diferença achei. O dormitório, as salas de aula, o refeitório, o recreio, a capelinha conservavam-se como os deixei. Um detalhe me inquietou: o salão do teatro parecia abandonado. E os companheiros me explicavam as surpresas que iam aparecendo. A surpresa maior, porém, acabou sendo os alunos que estudavam ali. À primeira vista não acreditei em meus olhos. Nenhum uniforme, nenhum cuidado na apresentação, nenhuma disciplina visível.

Uma grande interrogação se fez em mim. Mas propus-me a esperar: não seria engano ou precipitação minha? E cisme até de abandonar os superiores para conviver mais de perto com os alunos. E pus-me a acompanhá-los aonde quer que fossem. Sem filas e inteiramente à vontade, lá se iam eles, conversando com entusiasmo ou cantarolando canções estranhas para as atividades previstas. Notei neles uma certa arrogância que desdizia de nossos antigos costumes. Compensava-a um espírito de iniciativa que rareava nos meus tempos. Os superiores não se apresentavam mais com o característico ar distante. Ao contrário, achegavam-se aos estudantes e permitiam a discussão. Cheguei, no entanto, à conclusão de que os superiores haviam perdido algumas vértebras e que os alunos haviam colocado por demais as mangas de fora.

E em minhas andanças matinais

pelo pomar, eu considerava a contradição em que me via envolvido. De um lado, a nostalgia do passado, com suas recordações bem vivas e comovidas. De outro, a intromissão de novos costumes e de novas idéias no coração mesmo desse passado. Porque agora uma música barulhenta substituía as árias e o silêncio de tantos anos atrás. Nenhum aluno se interessava mais em declamar na tribuna as odes próprias ou alheias. E a ribalta não se ilumina mais para as peças que faziam então as nossas delícias. O internato não era mais internato com suas misérias e suas grandezas. Entrava-se e saía-se a qualquer hora. Os medíocres programas de televisão atraíam mais que a criação artística. E ao ver alguns meninos a jogar bilhar e a fumar, nas horas de recreio, sentia-me mal. Em todos os atos a obrigatoriedade se diluía numa dispersão voluntariosa.

Quando percebi que a antiga nobreza (exigida e demonstrada naqueles dias de estudante) não existia mais, decidi voltar de minhas férias. Não descansava mais ali ao constatar a afronta contínua aos meus princípios e valores. Confessei aos companheiros minha decepção, e eles me compreenderam, quase envergonhados. Enquanto me despedia deles, ouvi o toque metálico e cantante do sino. Pensei em chorar, porque era o derradeiro adeus ao mundo que me acolheu, à casa antiga onde havia sido tão feliz. Saí às carreiras. E lá de baixo, ao avistar o perfil austero do colégio, senti que se erguia ali um monumento de cemitério que guardava consigo os restos do que fui. A casa antiga não era mais a minha casa.

(*) Letterio Santoro (55/59) É pedagogo, professor, escritor e poeta em Garça-SP, Membro da APEG letterios@hotmail.com

Paróquia das Trovas



Sei que a trova é pequenina,
Cabe até na minha mão.
Mas ninguém nem imagina,
Toda a sua imensidão.

Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)

Nunca pensemos que a vida
É um grande teatro em ação.
Viver é luta renhida
e não representação

Alfredo Barbieri (49/53)

Não deixe nunca a trova,
Que a trova é pr'a valer,
Pois uma trova é prova
Que a trova não vai morrer!

Paulo Rabelo Corrêa (57/58)

Envie-nos você também a sua trova

PÁRA-CHOQUE DO CAMINHÃO DO IBATÉ



**Minissaia é igual a arame farpado: protege a propriedade,
mas não tira a visão**

CASO EDIFICANTE

JOSÉ LUI - CAIPIRA*

SALÁRIO ERRADO



Um funcionário vai até o chefe do departamento de pessoal da empresa para reclamar que vieram R\$ 500,00 a menos no seu salário.

O chefe do departamento de pessoal pede que ele se sente e fala em tom solene:

-Luiz, no mês passado, nós lhe pagamos R\$ 500,00 a mais e você ficou bem quietinho. Agora que a gente está lhe pagando R\$ 500,00 a menor para compensar o erro cometido, você vem e reclama?

No que o funcionário responde prontamente:

-É que um erro eu deixo passar, mas dois já é demais!

(*) José Lui -1949/56- Filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978, administra o Cemitério Gethsêmani-Anhanguera em São Paulo-SP roselui@picture.com.br

AI, AI, QUE SAUDADES!

JOÃO FERNANDES FELÍCIO*

Foi na época em que Pelé começava a ensinar ao mundo a verdadeira arte do futebol; em que Roberto Carlos dava os primeiros acordes em sua guitarra; em que Silvio Santos certamente já ambulava suas mercadorias pelas ruas do Rio de Janeiro; em que Chico Buarque se preparava para ser o futuro gênio; e os Beatles, com seus longos cabelos, lançavam o ye-ye-ye.

E foi nessa época que nós, felizes ibateanos, internos seminaristas, seguíamos uma rotina diária, mais ou menos assim: às 5:00 horas, um badalar de sino a nos despertar, uma ligeira higiene, a primeira fila, a capela, a meditação, a missa diária, outra fila, a descida da escada; tomara que o Pe. Bosco não cismasse com a maldita ginást... pronto, já cismou!, independente do tempo. Outra fila: tomara que o Pe. Bosco não cismasse de querer confer... cismou outra vez!: conferir as unhas cortadas e a troca de lenço. Eu era horrível nesse

quesito: e tome croque... A primeira refeição. Inesquecível aquela cesta de bananas! Após o café, o primeiro recreio, e vamos para o estudo; depois, as aulas, as refeições etc. até o repouso noturno.

Lembro, saudoso, dos nossos queridos superiores: do Pe. Bosco: apesar dos inúmeros croques e dos doloridos beliscões sob o antebraço, eu nutria uma verdadeira adoração por aquele robusto sacerdote; do Pe. Vieira (meu confessor), que discretamente me trazia os resultados do nosso Timão; do Pe. Rui, que compensava seu problema físico, com uma lucidez impressionante; inesquecíveis suas aulas de Francês; do Pe. Jair: foi realmente emocionante o seu pranto naquela capela de Aparecida quando do falecimento do papa Pio XII; aos outros superiores meu respeito e saudade.

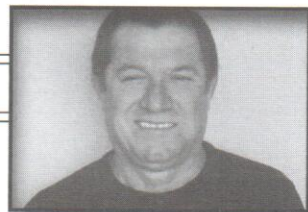
E lembro com ternura dos meus ami-

gos: do Fanchini (i.m.) e do

Bochini; do Valter Cruz e do Marques; do Higino e do Campanha; Estilingue e Campione; Emil e Lucarts: Lavandoski (i.m.) e do Careca; do Lazinho e do Messias; Wilson Cruz e Epaminondas; Joiti e Komatsu; J. Moreira e Valdevino; dos irmãos Rico; Aníbal, Paulo Acácio, Coronel, Paulinho, e de tantos outros, cujas 61 primaveras e outras 61 milhões de latinhas, me fazem trair minha memória.

Foi feliz o Egidio Aires (meu algoz daquelas peladas naquela baixada do "Vacaranã"), quando, parafraseando Ataulfo, disparou: "Éramos felizes e não sabíamos."

(* José Fernandes Felício (58/60) é comerciante em São Paulo-SP fernandes_tatiana@yahoo.com.br



PHOTANTIQUA

Foto enviada por **DJALMA AUGUSTO DE MEDEIROS (65/69)** e tirada em 1966, no dormitório, após eletrizante partida futebolística. Da esquerda para a direita: José Pedro (Xixa), Mario Piva, Airton Gobi, Fausto Guimarães Fortes, Heleno Cesarino, Bernardo Mendes Pires, João Bosco do Vale, Sergio Moreira Martins (agachado), Renato Litério da Silva e Argemiro Fonseca dos Reis Junior.



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489

FS AMARAL ADVOCACIA

© F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição, direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito de família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 – Conj. 13 - 01318-000

São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

contato@fsamaral.com.br - http://fsamaral.com.br

FLUXO FINANCEIRO

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 31.07.2008

POSIÇÃO EM 31.05.2008..... 7.943,61

ENTRADAS

Contribuições e doações 1.308,90

Juros 98,24

TOTAL ENTRADAS 1.407,14

SAÍDAS

Postagem Echus 96..... 899,45

Gráfica WT Echus 96 690,00

Kalunga nf 476704-Etiquetas..... 57,00

Despesas Bancárias 30,00

TOTAL SAÍDAS 1.676,45

SALDO ATUAL 31.07.2008 7.674,30

Tesoureiros: Carlos D. Cosso – Wilson Mosca - Gilberto Lucarts

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas, no período de 01.06.2008 a 31.07.2008, dos seguintes colegas: Alberto Pimenta Junior, Mons. Antonio Expedito Marcondes, Antonio Santo Poccioni, Francisco Fierro, José Carmo Gomes Guimarães, José Ecio Pereira da Costa Junior, José Fernandes da Silva, José Justo da Silva, José Luiz Mariano Gomide Ribeiro, Oscar Pinheiro do Carmo, Ricardo Martins Paiva, Rocco Antônio Evangelista, Roberto Lui, Vicente de Paulo Moraes e Wilson Mosca.

Informamos que existem vários depósitos em nossa C/C que não foram identificados, deixando, pois, de serem relacionados na lista acima. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté – São Roque – SP – Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a *Turma do Ibaté*.

Colaboradores deste número: Alfredo Barbieri, Pe. Antonio Aparecido Pereira, Antonio Carlos Correa, Djalma Augusto de Medeiros, João Fernandes Felício, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, José Wolf, Letterio Santoro, Otto Marques da Silva, Paulo Francisco Toschi e Paulo Rabelo Corrêa.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária: **BRDESCO**, Ag. 95-7 (Nova Central), C/C 226990-2. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para **ECHUS DO IBATÉ**, Caixa Postal 71.509, Cep 05020-970, S.Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet: E-mail: echus@zipmail.com.br ou ibate@seminariodesaoroque.com

Site: http://www.seminariodesaoroque.com

Tiragem: 1.000 exemplares.

Diagramação/Impressão: WT Gráfica - (11) 2653.9482

